

O FEMININO E AS TENSÕES ENTRE ORIENTE E OCIDENTE A PARTIR DA LEITURA DA HQ AUTOBIOGRÁFICA “PERSÉPOLIS”, DE MARJANE SATRAPI

Millena Sayuri Oide da Silva (UVA)

millenasayuri123@gmail.com

Silvana Moreli Vicente Dias (UVA)

silmorelivdias@gmail.com

RESUMO

O presente escrito tem como objetivo desenvolver uma reflexão sobre a representação das relações de gênero em países orientais a partir da leitura da HQ de natureza autobiográfica “Persépolis”, da autora e artista gráfica iraniana Marjane Satrapi. Empregamos, para essa finalidade, a tradução de Paulo Werneck, com revisão de termos árabes, persas e turcos por Paulo Daniel Farah, em edição publicada pela Companhia das Letras (SATRAPI, 2007, selo Quadrinhos na Cia). Também fazem parte do embasamento teórico-metodológico: Bakhtin (2017), Candido (1976), The New London Group (1996), Oliveira e Masiero (2005), dentre outros. Objetiva-se aqui desenvolver uma análise literária que desvele tensões de sentido que há na construção dos gêneros feminino e masculino em contextos específicos da experiência oriental, em especial, a iraniana. Considera-se também como o imaginário ocidental deve romper os estereótipos para uma percepção mais precisa das relações entre Oriente e Ocidente, o que é habilmente trabalhado por Marjane Satrapi em sua literatura marcada pelo signo da resistência. Por fim, a análise conduzida também considera como as representações multissemiótica desenvolvidas pela autora fizeram com que essa História em Quadrinhos se tornasse um dos livros de literatura mais influentes do século XXI, segundo recente divulgação do The New York Times, impactando leitores de diversas partes do mundo.

Palavras-chave:

Literatura oriental. Relações Interculturais.
Aspectos da análise literária de texto multissemiótico.

ABSTRACT

This paper aims to develop a reflection on the representation of gender relations in Eastern countries based on the reading of the autobiographical comic book “Persepolis”, by Iranian author and graphic artist Marjane Satrapi. For this purpose, we used the translation by Paulo Werneck, with a revision of Arabic, Persian, and Turkish terms by Paulo Daniel Farah, in an edition published by Companhia das Letras (SATRAPI, 2007, Quadrinhos na Cia imprint). Bakhtin (2017), Candido (1976), The New London Group (1996), Oliveira and Masiero (2005), among others, are also part of the theoretical-methodological basis. The aim here is to develop a literary analysis that reveals tensions of meaning in the construction of the feminine and masculine genders in specific contexts of the Eastern experience, especially the Iranian one. It also considers how the Western imagination must break stereotypes to have a more accurate perception of the relations between East and West, which Marjane

Satrapi skillfully works in her literature marked by the sign of resistance. Finally, the analysis also considers how the multi-semiotic representations developed by the author made this comic book one of the most influential literature books of the 21st century, according to a recent report by The New York Times, impacting readers from different parts of the world.

Keywords:

**Intercultural relations. Oriental literature.
Aspects of literary analysis of multi-semiotic text.**

1. Introdução

O panorama da vivência feminina na contemporaneidade sofre com diversos estigmas que determinam ou excluem temáticas verdadeiramente importantes para o público-alvo. A sociedade, detida da parcela imersa pela luta por direitos e visibilidade, assume o papel determinante no fenômeno da conscientização, ao passo que a outra parte degenera e reforça os estereótipos de exclusão e preconceito. Dessa forma, a recorrência de acontecimentos nocivos à comunidade feminina no que diz respeito à violência, reforço das relações de poder entre gêneros e o imaginário construído através das atuações dos micromachismos colaboram para o cansaço pela luta de direitos de existência.

A Literatura, por sua vez, dedicada à expressão humana em seus respectivos períodos de ocorrência e história, encontra o fazer feminino em uma representação específica, ainda que detida de interpretação ou verossimilhança, das diversas realidades vividas por muitas mulheres em diferentes contextos sociais. Nesta perspectiva, encontram-se os diversos cenários de representação feminina, compostos por subjetividades configuradas a cada grupo organicamente subdividido. Dentre os cenários, destaca-se, em uma perspectiva bilateral referente aos diferentes contextos sociopolíticos, uma demarcação geográfica da vivência feminina, determinada pela dicotomia entre Oriente e Ocidente.

Desta forma, o conflito cultural entre os territórios, de distintas linhas temporais no que diz respeito à construção do imaginário social, estabelece formatações diversas ao estudo de literatura, sobretudo diante da autoria feminina. Assim, a autora basilar deste trabalho, Marjane Satrapi, representa uma parcela da gama de territórios inseridos no contexto de vivência feminina asiática, representando o panorama vivido no Oriente Médio. Satrapi, nascida em 1969, no Irã, é uma autora, diretora, ilustradora e cartunista que dedica sua narrativa à vivência das mulheres

no contexto de opressão estabelecido pela religião, pelas lutas políticas e pela cultura segregacionista construída pelo fundamento coletivo.

O desenvolvimento de narrativas autobiográficas, nesse sentido, contribui para a concretização de material de estudo real referente ao desconhecido pelo imaginário ocidental comum, refletindo o caráter autocentrado dos continentes não asiáticos frente às questões enfrentadas por grande parcela da população inserida no continente. Ocorrências de conflitos bélicos internos e externos motivados por crenças distintas e interesses políticos são um dos principais tópicos de referência na literatura de Marjane, tornando o reflexo de sua existência uma representação de seu cotidiano como cidadã de uma nação imersa em problemáticas próprias e determinante no tocante ao volume emigratório motivado pelos fatos, uma vez que a permanência da população ameaça a vida de diversos grupos, mas principalmente de mulheres.

Portanto, pela necessidade e urgência de imigração ao contexto ocidental, especificamente francês, a autora-personagem inicia o que se apresenta aqui como interculturalidade, trazendo práticas de mediação e tradução entre os contextos apresentados, majoritariamente distintos entre si em convenções, culturas e determinações sociopolíticas. Tais conceitos fundamentam o presente trabalho ao revelar a clara dicotomia entre os cenários de existência, tornando a representação gráfica e literária uma ferramenta de análise a esses contextos na intenção de relacioná-los a materiais que complementem tal problemática, evidenciando o apagamento da mulher racializada em contexto ocidental.

Tal contextualização é declarada como base do trabalho, resultado de dois projetos de iniciação científica anteriores baseados na mesma autora. O primeiro, “Equidade de gênero, interculturalidade e multiletramentos: “Persépolis”, de Marjane Satrapi, em projetos didáticos”, marcado por objetivos pedagógicos de aplicação da obra no contexto da Educação Básica e o segundo, sua continuação direta, “Persépolis”, de Marjane Satrapi, em diálogos intersemióticos e interculturais: estudo do gênero histórias em quadrinhos e aplicação do projeto didático”. Nesse sentido, determinados através de objetivos, sobretudo, didáticos, o projeto segue para sua abrangência extraescolar, tendo como objetivo geral a busca por visibilidade das questões raciais no tocante ao panorama oriental através da literatura.

O que determina a invisibilidade e homogeneização da cultura oriental no cenário mundial e por que as narrativas femininas giram em

torno da visão de apagamento? Os questionamentos evidenciam as especificidades dos objetivos para o trabalho, apresentados pela análise histórico-literária da obra de Marjane Satrapi na busca por representações de tal apagamento e os contornos realizados pela narrativa feminista na detenção desses fatores, apresentando narrativas complementares para a fundamentação. Buscar-se-á o reflexo de diferentes culturas continentais para o fortalecimento da problemática.

Assim, a criação e construção do escopo do trabalho determinam-se pela estrutura de pesquisa, análise histórico-literária e intersemiótica determinada pelo fator gráfico da obra em quadrinhos e revisão bibliográfica de materiais que estabelecem relações múltiplas de complemento, exemplificação e/ou fundamentação para a narrativa não ficcional apresentada, ilustrando todo o cenário evidenciado pela autobiografia. Para isso, a utilização de autores como Bakhtin (2017), Candido (1976), Ono (2005), Santos (2010) e Ravetti (1999) será fundamental para a determinação de material teórico que se delimita como fonte bibliográfica para a exploração do escrito de Satrapi.

2. O processo intercultural no desenvolvimento de equidade

A presente seção enfatiza a atuação das definições conceituais no proposto pelo trabalho, configurando referência ao projeto na intenção de ilustrá-lo no panorama teórico. Suas subdivisões, configuradas pela expressão dos conceitos e contextualização do exposto, revelam a realidade retratada por Marjane Satrapi e, ao mesmo tempo, por diversas outras autoras vítimas do processo de poder estabelecido entre os gêneros feminino e masculino no contexto de vivência asiática.

Dessa forma, por meio da ilustração da interculturalidade e da dialogicidade, fundamentadas respectivamente por Lisette Weissmann (2018) e Mikhail Bakhtin (2016), a seção pretende fazer uma leitura contrastiva com o intuito de dialogar com a literatura feminista oriental, analisando aspectos que dizem respeito a diversas culturas e tornando-as mais palpáveis ao nosso leitor.

2.1. A expressão da interculturalidade

Interculturalidade, determinada a partir de uma palavra composta, cujo significado garante uma posição de intermédio ou reciprocidade em

relação à culturalidade em seus sentidos individual e coletivo, representa a maior ferramenta de análise na perspectiva intercontinental de estudo das literaturas. A configuração de dialogicidade entre diferentes culturas e suas representações e as expressões dessa relação no fazer cotidiano configuram a produtiva realização de seu fenômeno, garantindo oportunidades múltiplas de conhecimento nas mais diversas áreas. Assim, traçar o paralelo entre dois conceitos estabelece o reforço de ideias estabelecidas em prol de ambos na mesma conjuntura, proporcionando o enriquecimento da produção cultural. Sobre interculturalidade, Weissman afirma:

Nomeia o processo como mestiçagem, o que significa falar de uma combinação ou montagem de elementos heterogêneos, em que cada um conserva sua particularidade, dentro da qual permanece a diferença. O conceito representa um diálogo em imanência, em paridade, um diálogo de confiança, criando uma estética de muitas vozes que falam e conversam, se sucedem, se contradizem e, às vezes, também se interrompem. [...] A interculturalidade se separa da cultura hegemônica, na procura de diálogos ou gestos interculturais. (WEISSMAN, 2018, p. 27)

Assim, quando referenciado o conceito de diálogo, a autora estabelece em consonância as influências da globalização no processo dialógico intercultural, fator determinante na construção das relações, uma vez que possibilita o acesso ao fazer sociocultural de distintas manifestações. Ao estabelecer encadeamento com o imaginário social apresentado por Marjane em “Persépolis”, o contexto globalizado determina uma grande parcela da narrativa, uma vez que mídias, expressões artísticas e até mesmo comportamentos advindos da cultura ocidental interferem e conferem relevância ao contexto de vivência no Oriente Médio. Posteriormente, tal relação configura-se como alvo no que diz respeito à qualidade de vida, fazendo com que a autora-personagem seja determinada na obrigatoriedade de migração, estabelecida violentamente pela ausência de perspectiva em seu próprio território. Sobre esse aspecto, Weissmann declara:

Os efeitos da globalização também podem ser negativos, sobretudo quando olhamos para os migrantes, dentro do mundo conectado, mas que não têm conseguido se estabelecer; desse modo, a migração aparece contendo mais desenraizamento que liberação, deixando o sujeito exposto a uma situação de vulnerabilidade e solidão, além e aquém do enriquecimento esperado, ao assumir tantos riscos. (WEISSMAN, 2018, p. 32)

Desta forma, a obra de Marjane Satrapi, em seu fator autobiográfico e refletor da realidade conduzida pelos critérios determinados, ao mesmo tempo, pelo sofrimento e pela riqueza advindos da relação inter-

cultural, sempre vem acompanhada de sua contextualização sociológica, concretizando seu objetivo estudado no nível explicativo, como sugerido por Candido (2006) na proposição sobre a referência do elemento social na narrativa como componente estruturante próprio, distante da tentativa de explicação do fenômeno literário ou artístico. No contexto migratório intercultural, os cenários, juntamente às suas vítimas, devem ser considerados antes mesmo do texto em si, já que toda e qualquer expressão se torna fundamentada pelo contexto, estabelecendo-o como principal referência na construção da obra.

Na literatura, sobretudo configurada pela autoria feminina, tais aspectos são representados pelos fatores de apagamento e ameaça, conferindo empatia ao leitor. No sentido da relação entre a obra e o leitor, Bakhtin (2016) revela que na explicação existe apenas uma consciência, um sujeito: na compreensão, duas consciências, dois sujeitos, tornando esta sempre dialógica. Na perspectiva do diálogo, confere-se à Julia Kristeva e Mikhail Bakhtin os respectivos conceitos de intertextualidade e dialogismo, basilares quando representados pela narrativa plural de Satrapi, composta não só pela sua vivência particular – representada quando se acompanha o crescimento da autora-personagem –, como também pela explicitação de seu contexto sociopolítico e cultural, bem como dos diálogos estabelecidos com outras vozes. Desta forma, a vida é dialógica por natureza. Viver significa participar de um diálogo (Cf. BAKHTIN, 1961, p. 293).

2.2. Processos equitativos e a literatura feminista

O percorrer da história da luta pelos direitos das mulheres apresenta-se extenso e contínuo até os dias contemporâneos. A relação de detenção ocidental desses direitos, ainda que mais rápida pelas contribuições dos processos sociopolíticos em andamento, recebeu os diversos questionamentos e censuras daqueles detentores de poder. Na Literatura, a representação canônica, caracterizada pelas grandes obras basilares do fundamento literário, mostra-se dominada pelo gênero masculino, uma vez que as mulheres eram negadas às atividades intelectuais e, quando proviam do recurso, eram censuradas ou impossibilitadas pelos procedimentos editoriais que se negavam a publicar suas obras.

Nesse sentido, a representação feminina englobava a sexualização e idealização de seus corpos, de forma fetichizada quando não branca e representada por autores segmentados por seus próprios interesses, con-

torcendo a imagem da mulher e endossando o estereótipo da figura feminina como sinônimo de representação sexual e/ou símbolo materno. Desta forma, ainda que fundamentadas por publicações anteriores, a crítica feminista questiona o apagamento da literatura de autoria feminina a partir das décadas de 1970 e 1980, quando a ocorrência de publicações estabelece sua força.

Assim, são destacados os pretextos que englobam cada contexto. Enquanto a literatura feminista ocidental lutou pelos direitos de visibilidade e, majoritariamente, presença, a literatura feminista oriental declara sua luta por sobrevivência ainda em contexto de desenvolvimento, declarando a maior participação e influência da esfera ocidental em contexto generalizado.

2.3 A literatura feminista asiática

Na perspectiva contextual no tocante à obra-objeto, são apontados diversos contextos históricos degradantes no que diz respeito à visibilidade feminina no cenário cotidiano, mas principalmente intelectual por todo o contexto asiático. A ação da colonização, nesse sentido, determina ainda o processo de julgamento e configuração de violência explícita ao gênero feminino nos mais diversos cenários, sendo um deles estabelecido pelo território oriental. Segundo Fernandes (2023), perante a realidade do contexto sul-asiático, o corpo da mulher e suas subjetividades foram relegadas ao esquecimento na produção de conhecimentos, enquanto suas relações intersubjetivas foram pautadas por estruturas de dupla ou múltiplas subalternizações, o que é promovido, mais tarde, à determinação unilateral ao trabalho de cuidado que, a partir da contextualização de Santos (2010) sobre a “mulher-professora”:

Nos países do Sul da Ásia e do Sudeste Asiático, um vasto número de mulheres trabalha como professora desde a escola primária até ao ensino secundário e, ainda que comparativamente em número reduzido, também no ensino superior. [...] Delineando o crescimento e a evolução da educação como uma profissão “para mulheres” em sociedades asiáticas tradicionais, este estudo pioneiro e transcultural mostra que, enquanto nos níveis mais baixos de ensino, as professoras encaram o seu trabalho quase como uma extensão dos seus papéis familiares (em termos de tempo despendido e de espaço de trabalho), nos níveis mais elevados os seus papéis familiares entram em conflito com a profissão, ainda que em geral estas mulheres revelem uma notável capacidade para desenvolver uma certa compatibilidade entre ambos. (SANTOS, 2010, p. 131)

Destaca-se aqui a ausência de críticas à atuação do magistério por mulheres, mas se abrem análises para a motivação de incentivo a tal desempenho, uma vez que as predeterminações contemplam, em sua massiva maioria, reproduções do trabalho doméstico e relações trabalho-maternidade, provados pela crítica quando as mesmas mulheres se inserem em espaços acadêmico-metodológicos ou corporativos. Na perspectiva moderna, Cho Nam-Joo (2016), em seu romance *Kim Jiyoung, nascida em 1982*, retrata tais adversidades quando duas personagens de origem sul-coreana, inseridas no contexto dos anos 1990, têm o seguinte diálogo a partir da sugestão da mãe à filha tornar-se professora do primeiro segmento:

- Não quero ser professora. Já tem algo que quero fazer. E por que eu precisaria sair de casa e estudar tão longe?
 - Pense no futuro. Não existe trabalho melhor para uma mulher do que ser professora.
 - O que é tão incrível em ser professora?
 - Você sai cedo do trabalho. Tem férias escolares. É fácil tirar licença. O melhor trabalho para as mães é ser professora.
 - Claro. É um emprego muito bom para quem tem filhos. Então seria ótimo para todos? Por que especificamente para mulheres? As mulheres criam os filhos sozinhas? Você vai sugerir formação de professores ao seu filho também? Vai mandá-lo para uma faculdade dessas também?
- (NAMJOON, 2016, p.67)

Tais representações, ainda que distantes em territorialidades (a primeira referente ao sul asiático e a segunda, ao leste), contemplam a mesma significação quando direcionadas à atuação profissional passiva de mulheres que se refletem no cenário docente àquelas detidas de oportunidades de formação acadêmica e no trabalho doméstico internacional quando negadas ao direito da educação e dispostas aos contextos de migração mandatária. Ainda segundo Santos (2010), o serviço doméstico no estrangeiro funciona como uma resposta possível, mas incerta, às alterações sociais e econômicas, num contexto de severas desigualdades dentro da família, da comunidade e da nação, tornando o cenário migratório internacional um espaço inexplorado de violência, submissão e exploração. Diante das vivências no Oriente Médio, a professora de Literatura Inglesa na Universidade do Minho e autora de estudos feministas e de gênero Ana Gabriela Macedo, quando perguntada sobre a razão pela qual estudar mulheres advindas desse território, responde:

A questão do Oriente Médio liga muito às questões do político ao privado-pessoal, visto que essas mulheres têm sofrido situações de opressão e censura muito graves. Por outro lado, a guerra é algo que afeta os povos em geral, não é só o caso da Palestina, ou do Irã. O que tenho achado inte-

ressante na arte produzida por essas mulheres é a sua capacidade de resistência, a sua coragem aliada à criatividade e, por vezes, mesmo, ao humor [...]. Muitas delas foram forçadas a emigrar, por motivos políticos e para continuarem a criar, outras continuam no seu país, resistindo, criando, inovando. São essas estratégias de resistência e resiliência que elas imprimem na sua arte por meio da representação, que acho particularmente instigante e que me interessa investigar, estabelecendo paralelismos com o mundo que conheço mais de perto, a Europa Ocidental, Portugal. (BIT-TELBRUN; MACEDO, 2020, p. 2)

Ao tratar-se da fala da professora, diante do cenário de violência promovido por conflitos, Santos (2010) afirma que a guerra, contudo, é por excelência o domínio do terror. Dessa forma, retoma-se à obra de Marjane Satrapi, “*Persépolis*”, que retrata o conflito pós Segunda Guerra, no qual partes do Irã, ocupado por soviéticos e ingleses, declaram guerra à Alemanha, resultando posteriormente na Revolução Islâmica e em confrontos que chegam ao ano de nascimento da autora (1969) e percorrem diferentes determinações até os dias atuais. Assim, o histórico de violência vivido por tais nações, motivadas por autoproclamações religiosas e políticas determina o cenário da literatura feminista asiática baseada no apagamento de sua cultura e na solidão performada em contextos migratórios diante do desconhecimento acerca da cultura oriental por países do Ocidente.

Portanto, a busca pela visibilidade proposta por este trabalho representa, de forma concretizada, a intenção em tornar pública a urgência de mulheres que têm suas vidas tomadas pela necessidade de sobrevivência diante da opressão sobre quem ser, o que ser e como ser, tópicos estes silenciados por suas próprias vozes. Por conseguinte, Marjane Satrapi, ao desenvolver o primeiro álbum de história em quadrinhos iraniano, colocando-se à frente das questões mais profundas de sua existência no lugar de mulher e cidadã, detém a indispensabilidade de análise, estudo, divulgação e, sobretudo, leitura de suas obras.

3. *Análise sociopolítica e intersemiótica em “Persépolis”*

A obra objeto “*Persépolis*” configura uma série de abordagens referentes às dicotomias nas relações de gênero, identidade e política. Desta forma, a apresentação das temáticas complexas determina-se de maneira acessível no sentido linguístico e comunicativo, uma vez que é configurada no gênero História em Quadrinhos. Segundo Santos (2001), a História em Quadrinhos, como veículo de comunicação, tem ainda outras aplicações, seja como peça de marketing, seja como instrumento de

transmissão de conhecimento e ferramenta pedagógica. Logo, a representação da realidade de Satrapi, ainda que profunda e regida por fatores extraliterários composicionais da obra, pode ser considerada inclusiva.

No sentido de análise dos diálogos e exposições propostas pela autora, são destacadas três principais vertentes de sua perspectiva durante a narrativa: a influência religiosa na experiência cotidiana, as relações de gênero, sobretudo referente à inferiorização da figura feminina, bem como os conflitos entre as vivências orientais e ocidentais relatadas pela personagem inseridas em ambos os contextos. Assim, os recortes de sua narrativa tornam-se analisados, simultaneamente, nas perspectivas literária, sociopolítica e intersemiótica, considerando também a representação gráfica de sua interpretação que ilustra todo o seu panorama.

3.1. O religioso

Sendo uma das principais representações da obra a opressão advinda da mudança no comportamento religioso da nação (tentativa de contrariedade ao regime ocidentalizado), os questionamentos da autora sobre a temática evoluem de acordo com seu próprio crescimento, configurando uma vida de dúvidas sobre o que seguir como fundamentação religiosa, uma vez que são considerados os panoramas orientais e ocidentais.

Figura 1: O conflito interno da personagem. (O Vêú).



Fonte: SATRAPI, 2007.

Assim, o conflito estabelecido ainda na infância instaurou-se por toda a vivência da autora-personagem, tornando os fatores externos sociopolítico e religioso como instrumento de identificação de sua própria identidade, especificamente durante o período da pré-adolescência e adolescência, em que os conceitos se consolidaram em opinião e representação de sua própria figura.

3.2. As relações de gênero

Imerso no forte cenário religioso e político, o contexto vigente em “Persépolis” configura realidades secundárias às de Marjane, contextualizando com maior detalhamento a vivência da narrativa desenvolvida em meio ao conflito. Entre uma das questões, estão as relações de gênero, sobretudo a inferiorização da figura feminina, determinada por fatores de submissão, rebaixamento e dúvida sobre qualquer fator utilitário da mulher, além da preservação de sua imagem e fator reprodutivo. O contexto, de forma geral, reproduz a opressão em camadas múltiplas, afetando de diversas formas grupos distintos, principalmente figuras femininas. Assim, são representados tanto momentos da figura principal, quanto das diversas personagens que dividem a experiência violenta de discriminação.

Figura 2: A maternidade fundamentada em matrimônio (Moscou).



Fonte: SATRAPI, 2007.

Dentre as tantas mudanças configuradas pelo governo, a determinação de imoralidade do sistema educacional e fechamento das universidades foi uma das mais relevantes para Marjane, que sonhava em ter diversas profissões e valorizava, desde muito cedo, os estudos. A visão da mulher como ferramenta reprodutora datada pelo regime religioso em contradição aos ideais de independência propostos pelo imaginário ocidental instaura, nas figuras-personagens, a angústia do desconhecido, sendo refletida de forma clara em seus diálogos e expressões.

3.3. Oriente X Ocidente

Determinado como o maior confronto na obra-objeto, o conflito interno e externo entre as convenções sociopolíticas e religiosas das realidades ocidentais e orientais, sobretudo referente ao Oriente Médio,

popularmente alvo de predeterminações fundamentadas em discriminação e desinformação, configura a narrativa da autora-personagem na luta contra a marginalização de sua nação. Os conflitos culturais entre o Oriente e o Ocidente têm raízes profundas e complexas, envolvendo diferenças em valores, tradições e formas de vida. À medida que o Ocidente prioriza a individualidade, a liberdade de expressão e o progresso científico, o Oriente tende a enfatizar a coletividade, a harmonia social e a sabedoria ancestral, sobretudo advinda de processos religiosamente definidos.

A globalização, tópico implícito durante o percurso da obra, exerce sua função na promoção de oportunidades de intercâmbio cultural, levando a um diálogo constante entre esses mundos, gerando, ao mesmo tempo, embates na interferência intercultural e positivas contribuições. Dessa forma, as experiências de Marjane Satrapi revelam as intercessões ocidentais democráticas no pensamento teocrático médio e a visão do preconceito para com sua origem quando inserida em cenário exterior ao seu.

Figura 3: As influências (Kim Wilde).



Fonte: SATRAPI, 2007.

A discordância ideológica entre o duplo imaginário da autora manifesta-se a partir de sua experiência ao mudar-se para a Áustria, país da Europa Ocidental majoritariamente regido pelo caráter católico. Ao contrário do que pôde imaginar, o preconceito e a discriminação para com sua origem revelavam-se mais frequente, evidenciando o conflito cultural entre os territórios. Sua primeira estada, em uma pensão de freiras, salientou o caráter discriminatório de forma explícita, partindo da conclusão

de que a nacionalidade iraniana se definia, naturalmente, violenta e ca-
rente de costumes.

Figura 4: Conflitos (O macarrão)



Fonte: SATRAPI, 2007.

Portanto, a perspectiva de violência vivenciada por Marjane, que se retirou da habitação para descobrir novas concepções, fora da religiosidade, foi perpetuada em ambos os cenários, como demonstrado em seu futuro retorno. Mas, enquanto vivia suas experiências sociais diante dos mais diversos grupos, demonstrou espanto sobre o quão distintas eram as convenções, principalmente quando referentes às relações interpessoais.

4. Considerações finais

As tensões entre Oriente e Ocidente expostas na obra, especialmente no que diz respeito às questões de gênero, são de vital importância para a compreensão contemporânea das dinâmicas culturais nos mais diversos territórios. A HQ autobiográfica “Persépolis”, de Marjane Satrapi, oferece uma perspectiva singular sobre essas tensões ao narrar a vida de uma jovem iraniana (a própria autora) durante e após a Revolução Islâmica. Satrapi utiliza a arte e a narrativa para desmistificar estereótipos, revelando as complexidades da identidade feminina em um contexto cujas tradições e modernidade frequentemente colidem entre si. Sua obra não apenas desafia a visão ocidental monolítica sobre o Oriente, mas também ilumina as vozes femininas que muitas vezes são silenciadas.

Ao explorar as intercorrências da vida de Marjane, o leitor é confrontado com as realidades da opressão e da resistência desconhecidas perante o cotidiano ocidental. A narrativa visual de Satrapi destaca não só as limitações impostas pelo regime, mas também a força e a resiliência das mulheres que buscam espaço em uma sociedade que frequentemente busca restringir suas liberdades. Por meio de sua autobiografia, Satrapi não apenas relata suas experiências pessoais, mas também as universais de muitas mulheres que vivem em contextos semelhantes. Essa identificação permite uma conexão mais profunda entre leitoras e leitores de diferentes origens, promovendo um entendimento mais empático das lutas enfrentadas por mulheres no Oriente.

Dessa forma, a viabilização de conhecimento por meio da obra torna-se fluida, uma vez que a autora torna o processo de aquisição de aprendizado político e cultural acessível aos mais diversos “níveis” de competência linguística. Busca-se, dessa forma, tornar visível outros trabalhos, regidos pelos mesmos objetivos, a fim de fortalecer a visibilidade das culturas orientais, sobretudo na perspectiva feminista. Satrapi utiliza a forma da HQ para tornar suas experiências acessíveis a um público amplo, combinando humor e seriedade. Essa escolha de meio é significativa, pois a arte visual complementa as nuances de sua narrativa, permitindo uma compreensão mais profunda das emoções e desafios enfrentados. Ao mostrar sua infância e adolescência em um contexto tumultuado, a autora revela a complexidade das vivências femininas, que muitas vezes são ignoradas em análises mais amplas sobre a cultura iraniana.

Assim, “Persépolis” funciona como uma ponte entre culturas, facilitando o diálogo sobre feminismo e identidade. A obra provoca uma reflexão sobre as semelhanças e diferenças nas experiências femininas em ambos os contextos, evidenciando como as narrativas feministas podem ser moldadas por fatores socioculturais específicos. Satrapi mostra que, embora as lutas das mulheres iranianas sejam particulares, elas ressoam com as lutas femininas em todo o mundo, destacando a necessidade de uma abordagem interseccional ao analisar as questões de gênero. Essa interconexão revela que o feminismo não é um conceito monolítico, mas sim uma série de experiências interligadas que se manifestam de maneiras diversas, motivando a criação do projeto de leitura aqui proposto.

Em suma, ao analisar “Persépolis” sob a lente das tensões entre Oriente e Ocidente, este trabalho evidencia a importância de dar voz às narrativas femininas que desafiam estereótipos e promovem a compreen-

são intercultural. A HQ de Satrapi não apenas enriquece o diálogo sobre feminismo, mas também convida à reflexão sobre como as identidades são moldadas por contextos políticos e sociais. Ao abraçar a diversidade das experiências femininas, “Persépolis” se afirma como uma obra fundamental para o entendimento das complexas interações entre cultura, gênero e resistência, mostrando que, apesar das diferenças, as lutas por liberdade e igualdade são universais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora, v. 34, p, 2017.

_____. *Os gêneros do discurso*. Trad. de Paulo Bezerra. Editora 34. São Paulo, 2016.

_____. Towards a reworking of the Dostoevsky book. In: _____. *Problems of Dostoevsky's poetics*. 3. ed. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1987 [1961].

BITTELBRUN, Gabrielle Vivian. Corpografias do feminino e formas de resistência na literatura e na arte: entrevista com Ana Gabriela Macedo. *Revista Estudos Feministas*, [S.l.], v. 28, n. 1, 2020. DOI: 10.1590/1806-9584-2020v28n157099. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/NFd8Ch9CZsWX5scVQfYHPWP/?format=pdf>. Acesso em: 30 set. 2024.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CAZDEN, Courtney; COPE, Bill; FAIRCLOUGH, Norman; GEE, Jim; et al. *A pedagogy of multiliteracies: Designing social futures*. Harvard Educational Review; Spring 1996; 66, 1; Research Librarypg. Disponível em: http://vassarliteracy.pbworks.com/w/file/etch/9012261/Pedagogy%20of%20Multiliteracies_New%20London%20Group.pdf. Acesso em: 19 set. 2024.

FERNANDES, Thallita Mayra Soares. *Poéticas do silenciamento na literatura migrante do sul asiático escrita por mulheres*. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023. 163 f. Disponível em: <https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/20852>. Acesso em: 30 ago. 2024.

KRISTEVA, Julia. *Introdução à Semanálise*. Trad: Lucia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 2020.

OLIVEIRA, H. A. MASIERO, G. Estudos Asiáticos no Brasil: contexto e desafios. *Revista Brasileira de Política Internacional*, v.48. Brasília, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbpi/a/RZBqXH45FqF6S93pwJqmNcM/>. Acesso em: 1 out. 2024.

ONO, Kent A. *A companion to Asian American Studies*. Blackwell Publishing, 2005.

RAVETTI, G. Autoficção e testemunho: a intersecção literatura/estudos culturais. In: OTTE, G.; OLIVEIRA, S. P. O. (Orgs). *Mosaico crítico*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SAID, Edward. *Orientalismo: Representações Ocidentais do Oriente*. Trad. de Pedro Serras. Livros Cotovia. Lisboa, 2004.

SANTOS, Clara. Culturas, políticas e novas identidades: uma leitura europeia sobre questões de gênero na Ásia. Instituto Cultural do Governo da RAE de Macau. *Review of Culture*, 2010. Disponível em: <https://re.cipp.ipp.pt/handle/10400.22/662>. Acesso em: 25 ago. 2024.

SANTOS, Roberto Elísio dos. Aplicações da História em Quadrinhos. *Comunicação & Educação*, São Paulo, Brasil, n. 22, p. 46–51, 2001. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v0i22p46-51. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36995>. Acesso em: 5 out. 2024.

SOUZA, Solange Jobim e; ALBUQUERQUE, Elaine Deccache Porto e. A pesquisa em ciências humanas: uma leitura bakhtiniana. *Bakhtiniana*, São Paulo, 7 (2): 109-122, Jul./Dez. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/rxyrcnwMdPtWsbXTtLRLb4C/>. Acesso em: 16 out. 2024.

THE NEW LONDON GROUP. *Multiliteracies: Literacy learning and the design of social futures*. London: Routledge, 2000.

WEISSMANN, Lisette. Multiculturalidade, transculturalidade, interculturalidade. *Revista Construção Psicopedagógica*, 26(27), 21-36. São Paulo, 2018. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-69542018000100004&script=sci_arttext. Acesso em: 30 ago. 2024.